

Quarta-feira, 3 de Junho de 1959

RUBEM BRAGA

CRIAÇÃO DE BICUDOS

ESCREVI há tempos sobre esse homem admirável que é Augusto Rusch, naturalista, que vive em sua cidade de Santa Teresa, Estado do Espírito Santo, e que entre muitas outras façanhas cria beija-flôres soltos e em cativeiro.

Numa crônica eu disse que Rusch era capaz de criar bicudos. Foi a conta. Mais de duzentas cartas recebeu ele pedindo instruções, e como não pode responder a todos me pede para publicá-las aqui. Como o leitor verá, a criação é cara e difícil, mas espero que algum maníaco de bicudo (como há muitos no país) resolva tentar a proeza. E depois me dê notícias... e bicudos!

Para a reprodução do bicudo em cativeiro — explica Rusch — deve-se primeiro construir um viveiro com 7 x 3 x 3 metros de comprimento, largura e altura. O local da construção deve ser abrigado do vento. Os últimos dois metros do comprimento devem estar protegidos em toda a largura por um telhado.

No centro deve haver um pequeno lago de 1 x 1,5 metros de largura, no qual podem ser plantados alguns pés de angola e uma touceira de tabôa. Alguns arbustos vivos e grama cidade ou alguma outra que sementeira.

A alimentação deve ser constituída de alpiste, cânhamo e outras misturas; tubá de milho e algum maxixe partido; como folhagem, basta a couve. A princípio deve ser solta nesse viveiro unicamente a fêmea. Após quinze dias o macho pode ser colocado em uma gaiola no interior do viveiro por três dias, e em seguida pôsto em liberdade dentro do viveiro.

O material do ninho pode ser colocado em agosto, sendo sempre constituído de raízes lavadas de gramíneas e ervas, como costumam fazê-lo na natureza. Apenas um casal de bicudos deve ficar nesse viveiro; entretanto, outras espécies podem também ali permanecer durante todo o tempo da reprodução, tais como: canário da terra, bigodinho, pintas, silgo, coleiro do brejo, curió, caboclinho e outros pássaros granívoros.

Quando os pássaros iniciam a construção do ninho deve-se dar também larvas de tenébrios; estas devem ser diariamente administradas quando houver jovens nidícolas.

O fundo do viveiro, na parte coberta pelo telhado, deve ser de parede de tijolos, caiada.

Na sua amável carta, Augusto Rusch diz que embarca no dia 9 para a Venezuela (vai a um congresso de naturalistas especializados em beija-flôres) e só voltará em agosto. Boa viagem, grande Rusch.